

A inteligência humana e o cotidiano escolar

Human intelligence and daily school

Inteligencia humana y cotidiano escolar

Vilma Lení Nista-Piccolo¹

Yara Machado da Silva¹

Flora Loureiro de Mello¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v23i47.1114>

Resumo: A inteligência, como fenômeno, sempre intrigou a humanidade, tornando-se alvo de muitos pesquisadores ao longo do tempo. Howard Gardner é um referencial nessa área por ter apresentado uma teoria que transcende as habilidades lógicas do pensamento como a forma mais elevada do conhecimento humano, considerando diferentes manifestações de capacidades cognitivas, não antes classificadas dessa forma. O conceito de inteligência está diretamente relacionado à nossa cultura, e pode ser demonstrado pela capacidade de resolver problemas, aprender e se expressar de forma eficiente, estabelecer relações entre os conteúdos e pensar de forma abstrata. Atualmente, ainda encontramos pessoas que integram o contexto escolar, definindo como inteligentes apenas os alunos com bom desempenho, o que demonstra que a questão da inteligência está pautada em paradigmas que precisam ser superados. Ter a teoria das Múltiplas Inteligências como base pedagógica pode conduzir o professor a encontrar novas propostas de atividades e diferentes caminhos para ensinar. O presente estudo investigou o que pensam os professores da rede municipal de Sorocaba sobre o conceito de ser inteligente. Foi possível observar que há uma tendência intrínseca em compreender a inteligência de forma mais ampla e complexa, contudo há uma carência de referencial teórico que embasa uma prática pedagógica com a finalidade de desenvolver as múltiplas potencialidades dos alunos.

Palavras-chave: inteligência humana; cotidiano escolar; práticas pedagógicas.

Abstract: Intelligence, as a phenomenon, has always intrigued humanity and has become the target of many researchers over time.. Howard Gardner is a reference in this area for having presented a theory which transcends the logical abilities of thought as the most elevated form of human knowledge, considering different manifestations of cognitive abilities not previously classified in this way. The concept of Intelligence is directly related to our culture and can be demonstrated by our ability to solve problems, learn and express ourselves efficiently, establish relationships between contents and think abstractly. Today we still come across individuals within the school context, who define as intelligent only the students with good academic performance, thus showing that the issue of Intelligence is ruled by paradigms that must be overcome. Holding Gardner's Theory of Multiple Intelligences as a pedagogical basis can lead the teacher to find new activity proposals and different ways to teach. The present study investigated the concept of intelligence,

¹ Universidade de Sorocaba (UNISO), Campus Trujillo, Sorocaba, São Paulo, Brasil.

by the teachers in the municipal network of Sorocaba. It was possible to observe that there is an intrinsic tendency to comprehend Intelligence as a broader and more complex concept, however, there is a lack of theoretical referential that layers a pedagogical practice with this aspect, with the objective of developing the multiple potentialities of students.

Keywords: human intelligence; daily school; pedagogical practices.

Resumen: La inteligencia, como fenómeno, siempre ha intrigado a la humanidad y se ha convertido en el objetivo de muchos investigadores a lo largo del tiempo. Gardner es una referencia en esta área por haber presentado una teoría que trasciende las habilidades lógicas del pensamiento como la forma más elevada del conocimiento humano, considerando diferentes manifestaciones de habilidades cognitivas no previamente clasificadas de esta manera. El concepto de Inteligencia está directamente relacionado con nuestra cultura y puede demostrarse mediante nuestra capacidad para resolver problemas, aprender y expresarnos de manera eficiente, establecer relaciones entre los contenidos y pensar de manera abstracta. Todavía nos deparamos con individuos dentro del contexto escolar, que definen como inteligentes los estudiantes con buen rendimiento, lo que demuestra que el tema de la inteligencia se rige por paradigmas que aún deben ser superados. Sosteniendo la Teoría de Inteligencias Múltiples como una base pedagógica puede llevar al profesor a encontrar nuevas propuestas de actividades y diferentes formas de enseñar. El presente estudio investigó el concepto de inteligencia de los profesores en la red municipal de Sorocaba. Fue posible observar que existe una tendencia intrínseca a comprender la inteligencia como un concepto más amplio y complejo, sin embargo, hay una falta de referencia teórica que soporta una práctica pedagógica en este aspecto, con el objetivo de desarrollar las múltiples potencialidades de los estudiantes.

Palabras clave: inteligencia humana; cotidiano escolar; prácticas pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

Questões acerca da inteligência das pessoas são de grande interesse da humanidade há muito tempo. Em diferentes períodos, os pesquisadores procuraram, incessantemente, formas de mensurar, analisar e aperfeiçoar a inteligência humana. Inicialmente acreditava-se que a inteligência era inata, herdada geneticamente. Dessa teoria, partiu-se para o extremo oposto, acreditando-se que a inteligência era totalmente determinada pelo ambiente, ou empirista, dependendo exclusivamente do contexto no qual o indivíduo se desenvolvia. Após diferentes estudos relacionados à temática, os pesquisadores chegaram à criação das teorias interacionistas, que defendiam a inteligência como uma soma das características hereditárias com o ambiente no qual o indivíduo estava inserido (GARDNER, 1994; 2000).

Posteriormente estudiosos apresentaram as teorias do processamento de informação, dando os primeiros passos para compreensão de como se dão os processos mentais, e de que forma eles contribuem para o desempenho de tarefas

cognitivas. Dois aspectos foram colocados em discussão: o tempo e a complexidade da tarefa. Essa linha de pensamento representou um avanço em relação às outras teorias que existiam até então, acerca da cognição humana.

É importante ressaltar que todos os testes criados visando mensurar a inteligência humana eram muito mais baseados no raciocínio lógico-matemático, do que em qualquer outra capacidade cognitiva. Somente na década de 1970, questionou-se com maior intensidade o fato de os testes medirem apenas o grau de familiaridade com a língua e a cultura dos Estados Unidos, mas não a inteligência inata (GARDNER, 1994).

Segundo Gardner (1994), todos os testes, de uma forma ou de outra, vão contra a biologia do ser humano por não levar em conta a criatividade, pois o que mais importa nessas testagens são as qualidades valorizadas culturalmente perante determinada sociedade. Como consequência dessa linha de pensamento, surgiram premissas contraditórias, provocando novos estudos, novas definições.

A inteligência pode ser definida como um potencial que alguém traz consigo, possível de aperfeiçoamento, e que se manifesta por uma habilidade geral para resolução de problemas. A inteligência integra funções cognitivas como percepção, atenção, memória, linguagem, raciocínio e planejamento. Sua abrangência engloba ainda a capacidade de aprendizagem e de desempenho em diferentes situações. Uma compreensão detalhada dos mecanismos cerebrais subjacentes a essa capacidade mental pode fornecer benefícios significativos individuais e sociais (COLOM et al, 2010).

Howard Gardner é um grande referencial nessa área de estudo, apresentando a inteligência diretamente relacionada ao contexto cultural no qual o indivíduo se desenvolve. Esse estudioso da área considera a inteligência como um potencial inato que pode ou não ser manifestado, ou desenvolvido e aprimorado durante a vida, de acordo com os estímulos oferecidos. Gardner não foi o primeiro pesquisador a defender uma multiplicidade de capacidades nas pessoas, mas foi o único a definir essas manifestações como inteligência (NISTA-PICCOLO, 2010).

Para Gardner (2000), um dos aspectos mais importantes é que a inteligência não é uma entidade que está dentro do cérebro, mas sim uma capacidade humana processada cerebralmente. De acordo com os seus estudos, todos nós somos inteligentes, demonstrando mais sucesso em determinadas situações. O conceito de inteligência, na perspectiva de sua análise, está diretamente relacionado ao

contexto cultural situado. Pode-se considerar uma pessoa mais, ou menos, inteligente, de acordo com sua capacidade de resolver problemas, de aprender de forma eficiente, de estabelecer relações entre os conteúdos que aprende, e de pensar de forma abstrata. De certo modo, a cultura predominante determina o que é sucesso e eficiência no desempenho das pessoas, e dessa forma traduz quem é inteligente para aquela sociedade. Mas Gardner (1994) aponta uma nova perspectiva na interpretação de pessoas inteligentes.

Ser inteligente vai muito além de responder corretamente a questões aleatórias ou tirar notas boas em testes e exames, aspectos comumente pontuados em nossa cultura. É verdade que o conceito de inteligência só pode ser compreendido como expressões vinculadas ao contexto cultural de todos os indivíduos, de acordo com as necessidades apresentadas pelo ambiente em que eles vivem, mas cientificamente já é possível comprovar que inteligência engloba muitos outros potenciais que não só aqueles que correspondem ao sucesso escolar. O grande diferencial da teoria demonstrada por Howard Gardner está no fato de transcender as habilidades lógicas do pensamento como a forma mais elevada do conhecimento humano, considerando as expressões de artistas, de músicos, de dançarinos e de atletas como manifestações de capacidades cognitivas (NISTA-PICCOLO, 2010).

2 A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Gardner (1994; 2000) apresentou a teoria das Múltiplas Inteligências conceituando inicialmente sete tipos de inteligências (*verbal-linguística, lógico-matemática, musical, espacial, corporal cinestésica, intrapessoal e interpessoal*); posteriormente agregou à sua teoria a oitava inteligência: *naturalista*, e esboça estudos a respeito de uma possível nona inteligência que ainda não foi comprovada, a *existencial*. Esse pesquisador baseia sua concepção de inteligência na resolução de problemas por seres humanos, observando as habilidades cognitivas envolvidas nas tarefas, sempre levando em conta a importância do cenário cultural.

Segundo o autor, não existe um número exato de inteligências, mas é possível saber que há uma multiplicidade delas, após análise de diferentes culturas. Cada indivíduo apresenta um potencial específico, com pontos fortes e fracos, diferenciando-se dos outros por essa composição de facilidades e dificuldades em determinadas tarefas. Todos nós possuímos nossas próprias combinações de potenciais, dentro das nossas inclinações individuais e influências culturais. Contudo

a manifestação de um comportamento inteligente está vinculada à estimulação variada dos potenciais durante toda nossa vida. Um comportamento inteligente pode ser manifestado diante de diferentes situações, envolvendo muitas habilidades cognitivas (GARDNER, 2006).

Segundo Gardner et al. (2010, p.19):

[...] não há dois seres humanos – nem mesmo gêmeos idênticos – que possuam o mesmo perfil em suas qualidades e suas limitações em termos de inteligência, pois a maioria de nós é diferente dos de nossa espécie, e mesmo os gêmeos idênticos passam por diferentes experiências e são motivados a se diferenciar um do outro.

Na teoria das Inteligências Múltiplas, existem duas inteligências que são, atualmente, mais valorizadas no cenário escolar e na sociedade de uma forma geral: a *Lógico-matemática*, que expressa o potencial de um raciocínio lógico na solução de problemas matemáticos e dos pensamentos abstratos; e a *Verbal-linguística*, que representa a demonstração de facilidades em utilizar a linguagem para se comunicar e se expressar, tanto na forma escrita como na forma oral, envolvendo ainda a facilidade em aprender novas línguas. Mas são três outras inteligências que chamam atenção pelo fato de nunca terem sido consideradas como tal, anteriormente: a *Musical*, que envolve a facilidade para interpretar e produzir sons, com ou sem instrumentos musicais, e para trabalhar com ritmos e sequências musicais; a *Espacial*, que é a demonstração subjetiva de compreensão do mundo visual, envolvendo também a habilidade em produzir e interpretar obras de arte, e de se localizar espacialmente; e a *Corporal-cinestésica*, representada pelo alto nível de habilidade em usar a expressão do próprio corpo para solucionar problemas, como uma demonstração de habilidades motoras em controlar e interpretar movimentos corporais, e de expressar facilidade em sua coordenação motora (NISTA-PICCOLO, 2015).

Existem duas inteligências que, na visão do autor, são as mais importantes por serem exigidas em todas as situações que enfrentamos no cotidiano, as quais são tratadas como pessoais: a *Intrapessoal*, que é a expressão de um domínio no conhecimento do seu próprio ser, compreendendo como o ambiente pode afetá-lo em diferentes situações; e a *Interpessoal*, que trata da capacidade de se adaptar à personalidade das outras pessoas, envolvendo ainda a identificação e compreensão dos sentimentos do outro. A última inteligência a ser consolidada

por Gardner foi a *Naturalista*, que é a facilidade de compreensão dos fenômenos da natureza de uma forma geral, envolvendo a fauna e a flora; manifesta-se na identificação e no reconhecimento dos diferentes organismos presentes no meio-ambiente (NISTA-PICCOLO, 2015).

As inteligências não representam objetos a serem quantificados, e sim potencialidades, que podem ou não ser desenvolvidas de acordo com o estímulo recebido, reconhecidas no ambiente no qual a pessoa está inserida. É comum que cada indivíduo possua alguns potenciais de inteligência com níveis mais altos do que outros, mas nenhuma manifestação se dá com apenas um domínio de inteligência nas soluções de problemas. Todos nós temos amplas possibilidades de manifestar comportamentos inteligentes em diferentes situações, mas sempre em algumas delas haverá uma expressão que aponta uma solução mais inteligente, mais apropriada para aquela situação-problema, e que se sobressai em relação aos outros. E isso demonstra maior, ou menor, facilidade em resolver determinados problemas (NISTA-PICCOLLO, 2015).

Ao lançar sua teoria, inicialmente focada nos pesquisadores da área da Psicologia, Gardner se surpreendeu com o fato de que os educadores foram os mais interessados em compreendê-la. Isso aproximou os professores dos estudos e pesquisas que permeavam essa temática, gerando maior preocupação com a repercussão de sua teoria aplicada em salas de aulas. Embasados pela teoria das Inteligências Múltiplas, um número considerável de professores conseguiu aplicar os princípios fundamentais em suas práticas pedagógicas, comprovando as tendências manifestadas pelos alunos em áreas mais específicas (GARDNER, 1999).

De acordo com Nista-Piccolo (2010), diversas escolas ao redor do mundo se pautaram nessa teoria para trabalhar com diferentes propostas e abordagens, visando encontrar novos caminhos para ensinar. Os professores, inspirados por esses pressupostos, identificaram e desenvolveram novas rotas de acesso ao conhecimento dos seus alunos, baseando-se em suas necessidades individuais. Mas é preciso clarear que uma inteligência não é um estilo de aprendizagem, é a sua expressão que pode revelar um caminho pelo qual a pessoa responde às tarefas com mais facilidade, ou seja, rotas que dão acesso, de forma mais facilitada, a uma aprendizagem. Cabe ao professor o papel de facilitador dessas rotas, sempre colocando em primeiro plano o fato de que nem todos aprendem da mesma maneira.

3 A ESCOLA COMO UM ESPAÇO REAL DE ESTIMULAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Segundo Gardner (1994; 1999; 2000), o contexto social é fundamental para compreendermos o conceito de inteligência e as expectativas da Educação como fenômeno. O cotidiano escolar está inserido em um contexto social específico. Dentro desse contexto, faz-se presente a visão dos pais, dos professores, gestores escolares e todos os envolvidos nesse ambiente da escola. As atitudes e as concepções de cada integrante desse cotidiano influenciam diretamente no aprendizado dos alunos. Atualmente deparamo-nos com diversos paradigmas presentes no contexto escolar que precisam ser superados. Um deles é determinar que são inteligentes apenas os alunos que possuem bom desempenho na aprendizagem. A inteligência interpretada numa perspectiva que não leva em consideração a cultura de cada indivíduo, não é coerente com a realidade. A influência dos fatores ambientais no desenvolvimento intelectual do aluno deve ser um aspecto respeitado numa análise pedagógica da performance estudantil. E ainda, o desrespeito à rota facilitadora do aluno para acesso ao conhecimento, pode prejudicar a relação entre ensino e aprendizagem. Todas essas questões precisam ser pontuadas, considerando a singularidade do aluno e suas potencialidades no processo de ensino e de aprendizagem (LOPES et al., 2016).

As inteligências mais valorizadas e cobradas nas escolas são as habilidades relacionadas à linguagem e ao raciocínio lógico-matemático. Contudo a escola deve ser um espaço que tenha como objetivo a estimulação de todos os potenciais humanos, de todas as inteligências (NISTA-PICCOLO, 2010). Ainda com relação a essa valorização de determinadas áreas é importante ressaltar que:

À escola cabe estimular as emergências dessas áreas, alimentando os interesses despertados, oferecendo canais adequados para sua manifestação e seu desenvolvimento. As áreas em que uma criança se apresenta menos promissora também não podem ser esquecidas. É fundamental estimular-se um desenvolvimento harmonioso de amplo espectro de competências, uma vez que hipertrofias tóxicas freqüentemente situam-se mais próximas de desequilíbrios ou deformações do que de configurações desejáveis. (MACHADO, 1996, p. 98).

Existem diferentes estudos que reportam estratégias para abordar a multiplicidade das inteligências no cotidiano escolar. A justificativa desses estudos é que ainda é possível observar o desenvolvimento de atividades escolares de forma

homogeneizada e repetitiva, sem respeitar a individualidade e a expectativa de cada aluno. Quando são propostas atividades diferenciadas, que possibilitam ao indivíduo a manifestação dos seus potenciais mais desenvolvidos, os resultados são surpreendentes. Atividades que rompem essa monotonia e proporcionam desafios são extremamente interessantes para os alunos, que podem aprender com mais autonomia no seu caminhar e poder de decisão em suas tarefas. Por meio de diferentes propostas pedagógicas, tanto os professores como os alunos encontram novos caminhos para o processo de ensino e de aprendizagem. Há nesse tipo de atuação docente um respeito à individualidade de cada aluno, possibilitando explorar o máximo potencial de cada um (ALVES; BERNNAND; SOARES, 2015; GÁSPARI; SCHWARTS, 2002; SOUZA, 2002; MORENO et al., 2007; NISTA-PICCOLO et al., 2004).

A escola é um espaço rico e repleto de oportunidades para os alunos manifestarem suas capacidades nas mais diferentes formas de expressão. Não é preciso abandonar os conteúdos obrigatórios para abordar a multiplicidade das inteligências. O professor pode variar a forma como o conteúdo é apresentado e desenvolvido pelos alunos, respeitando, alternadamente, os caminhos que os alunos aprendem com mais facilidade. Estruturar os mecanismos de ensino e de aprendizagem com base na teoria das Inteligências Múltiplas possibilita ao professor encontrar e acessar as diferentes rotas de acesso de seus alunos (CAMPBELL; CAMPBELL; DICKINSON, 2000).

Além disso, esse empenho em desenvolver os diferentes potenciais dos alunos pode contribuir com a superação de dificuldades de aprendizagem. Quando uma das inteligências é estimulada, acredita-se que os demais aspectos sejam igualmente estimulados, possibilitando que um aluno encontre outras formas de superar suas dificuldades (GARDNER, 1994; 2000). Baseando-se nessa premissa da teoria de Gardner, foi desenvolvido um estudo que relata esse fenômeno, no qual indivíduos com dificuldades de aprendizagem passaram por diferentes intervenções pedagógicas, visando estimular a pluralidade intelectual. Os resultados mostraram que estímulos dados em determinadas áreas favoreceram a superação de determinadas dificuldades de aprendizagem, assim como contribuíram para a automotivação, a disciplina, interação, autoestima e a expressividade dos alunos (SILVA; NISTA-PICCOLO, 2010).

Segundo Nista-Piccolo (2010), com todas as mudanças do mundo moderno, é inviável que a escola não comece a repensar os objetivos a serem conquistados

no processo de formação dos seus alunos e o próprio processo de formação em si. É possível observar que já ocorreram algumas mudanças nos currículos da Educação Básica, mas ainda não suficientes para acompanhar as novas demandas da vida moderna, as interações e comportamentos dos alunos que frequentam atualmente as unidades de ensino. A autora ressalta ainda que:

Não é possível pensar numa escola como um simples local onde são “transmitidos” os conhecimentos. Diante de uma complexidade crescente de fenômenos mundiais, há necessidade de se criar novos procedimentos que auxiliem tanto na aquisição de conhecimento como na sua análise crítica. A escola deve ser um lugar para a reflexão crítica da realidade, que possa promover uma real compreensão dos fatos, isto é, que ultrapasse a visão muitas vezes deformada que os meios de comunicação e certos livros-texto transmitem. (NISTA-PICCOLO, 2010, p. 64).

O grande desafio da Educação é ter o seu foco no desenvolvimento das pessoas e na formação do cidadão. A escola se materializa no espaço formal onde esse processo acontece, é onde os alunos devem desenvolver suas capacidades, por meio de estímulos aos seus potenciais. É durante a fase escolar que o indivíduo se torna capaz de compreender e atuar sobre os fenômenos naturais e os problemas sociais (GARDNER; KORNHABER; WAKE, 1998).

O papel da escola é facilitar as estratégias necessárias para levar o aluno a analisar, interpretar e transformar todas as informações de forma crítica, ou seja, que consiga aplicar esse conhecimento para intervir na realidade. O ensino nas escolas deve viabilizar o desenvolvimento do potencial humano, aprimorando suas competências a partir das suas facilidades e dificuldades em diferentes habilidades, de acordo com suas capacidades e interesses. Formar pessoas comprometidas com a transformação social, com conhecimentos e valores que tenham como finalidade a resolução de problemas do seu contexto social (NISTA-PICCOLO, 2010).

Segundo Gardner (2006), os educadores podem utilizar qualquer tema pertinente ao seu conteúdo e proporcionar diversas oportunidades para que os alunos manifestem seus potenciais em vários domínios cognitivos. Essas vivências possibilitam a aprendizagem de novos contextos, visando explorar ao máximo suas capacidades e superar suas dificuldades. São atividades fundamentadas na teoria das Inteligências Múltiplas que podem favorecer o acesso dos alunos ao conhecimento, por meio de estratégias adequadas e necessárias para que os objetivos gerais da Educação sejam atingidos.

Dentro desse contexto, Toledo, Velardi e Nista-Piccolo (2009, p. 95) afirmam que:

Os conteúdos apresentados, vivenciados e discutidos em aula, nunca serão iguais, se discutidos com grupos de alunos distintos, ou ainda se forem novamente introduzidos no mesmo grupo de alunos, recebendo influências dos mais diversos ambientes. O conhecimento é, portanto, sempre um acontecimento inédito, original, diferente em cada uma das situações, dependendo dos ambientes, das vivências anteriores dos alunos e dos professores. A vinculação do conhecimento com a vida é fundamental. Aquilo que é vivido é com o que o indivíduo interage, o que pode orientar e servir de suporte rumo ao aprendizado de novas situações. O que é vivido só se efetiva enquanto aprendizagem quando se incorpora ao Ser, quando é associado a outras situações cotidianas.

Cada sociedade tem conteúdos diferentes propostos para a educação formal, os quais devem ser trabalhados em fases específicas do período escolar. Esses conteúdos, frequentemente, ocupam boa parte do tempo disponível que os professores têm para trabalhar com os alunos. Contudo há uma enorme diversificação de estratégias que podem ser aplicadas para o desenvolvimento desses conteúdos. Baseando-se na teoria das Inteligências Múltiplas, os professores conseguem, a partir das expressões de potencialidades demonstradas pelos alunos, elaborar as diferentes rotas de acesso ao conhecimento dos seus alunos, estimulando ao máximo seus potenciais (CAMPBELL; CAMPBELL; DICKINSON, 2000).

De acordo com Nista-Piccolo (2017), fundamentando-se em bases teóricas como a de Gardner, é possível oportunizar novas propostas pedagógicas, a partir de duas bases principais: - a identificação das dificuldades dos alunos, encontrando meios para levá-los à compreensão dos conteúdos trabalhados; - e o reconhecimento das diferenças, respeitando-as. Segundo Gardner (1999), para que todos possam atingir a compreensão de conceitos estudados, é necessário diversificar ao máximo as rotas de acesso ao conhecimento numa situação de aprendizagem.

Um aprendizado pode despertar os potenciais das pessoas, enquanto o contexto cultural lhes oferece significados a serem atribuídos, ou não, aos conteúdos presentes em seu cotidiano. Existem muitas variáveis contextuais que podem interferir no ato de aprender, mas é por meio delas que um aluno transcende aos seus saberes. Essa aprendizagem acontece nas relações do sujeito com o ambiente, com o outro e consigo mesmo, a partir da cultura e da história presentes em sua

vida. Com isso, as práticas pedagógicas devem ser elaboradas atendendo essas especificidades no desenvolvimento dos alunos (NISTA-PICCOLO, 2017).

4 O QUE PENSAM OS PROFESSORES?

Durante reuniões direcionadas e cursos de formação específicos com os professores da rede municipal de ensino de Sorocaba, foram coletados, por meio de questionário e diálogos anônimos, percepções e ideias a respeito do conceito de inteligência, devidamente autorizados. Os discursos dos professores foram descritos e agrupados em categorias de acordo com o Método de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (2016). Uma pré-análise das falas desses professores proporcionou um primeiro contato com as respostas a serem interpretadas, determinado pela regra da exaustividade para analisar o contexto contido nas mensagens.

A codificação realizada “corresponde a uma transformação” (BARDIN, 2016, p. 133) iniciada pelo levantamento das Unidades de Registro (UR) traduzida como uma “unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como uma unidade de base, visando à categorização” (BARDIN, 2016, p. 134). Por meio de recortes de trechos de todos os dados obtidos, foram elencadas as Unidades de Registro (UR). Posteriormente, as UR foram agrupadas por seus contextos, reduzidas em Unidades de Contexto (UC). Essas, por sua vez, geraram categorias formadas por uma classificação de elementos constitutivos, compostos pelas unidades (BARDIN, 2016).

Uma primeira análise sobre as respostas dadas à pergunta “o que é ser inteligente?” revelou UR transformadas em nove UC distintas: ter habilidades (33,3%); resolver situações-problema (60%); ter facilidade (13,3%); ter capacidade (33,3%); ter sido estimulado (13,3%); saber se expressar/ aflorar-se/comunicar-se (6,7%); aprimorar conhecimento (6,7%); ter percepção do outro e de si mesmo/ ter atenção/ser interessado (13,3%); e não ter nenhuma dificuldade (6,7%).

Essas UC foram agrupadas em cinco grandes categorias: *Ter competência* – não só no sentido de ser competente, mas de demonstrar sua competência em diferentes situações; é uma categoria que se refere à pessoa inteligente como alguém que possui habilidades, que tem facilidade para fazer, para aprender, que demonstra capacidade para atuar, sem apresentar dificuldade na execução de alguma tarefa; *Ter potencial* – englobando as unidades levantadas das respostas que descreviam a inteligência como algo a ser desenvolvido e aprimorado; como

pessoas que podem se mostrar inteligentes após serem estimulados; *É solucionar problemas* – discursos que apontavam a inteligência como resultado demonstrado em soluções dadas a diversas situações; aqueles que consideram inteligentes quem consegue resolver situações-problema; *Comunicar-se* – traduziu a ideia dos professores que entendem a inteligência como uma forma de manifestação do ser humano, como uma possibilidade de expressão, sempre atribuída às pessoas que apresentam facilidade para isso; *Ter empatia* – categorizado pelos discursos que privilegiam a percepção do outro e de si mesmo; pessoas inteligentes para alguns professores são aquelas que dão atenção aos outros, que se interessam pelos outros, demonstrando que a interpessoalidade está acima de qualquer outro desempenho humano.

A partir desses dados, é preciso analisar até que ponto esses discursos que revelam o conceito de inteligência para os professores são coerentes com as atitudes docentes em sala de aula, e se condizem com as práticas pedagógicas oferecidas aos seus alunos. Uma primeira análise gera novos questionamentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De uma forma geral, os professores expressam em suas falas conceitos que corroboram os princípios propostos pela teoria de Howard Gardner. Ao abordarem inteligência como potenciais que devem ser estimulados, habilidades que podem ser manifestadas de diferentes formas, facilidades em solucionar problemas, é possível observar que há uma tendência intrínseca em compreender a inteligência como algo muito mais amplo e complexo. Outro aspecto que se aproxima da visão de Gardner é quando os professores apontam as relações interpessoais como destaque de ser inteligente. Gardner (2000) esclarece a importância dessa inteligência pelo fato de ela ser necessária em qualquer circunstância. Não são muitos professores que valorizam as atitudes de alunos que demonstram inteligência interpessoal, é difícil encontrar quem atribui maior significado e relevância a um comportamento dessa dimensão do que a um bom desempenho lógico dos alunos em sala de aula.

Outro ponto a ser destacado é que é mais fácil de serem observadas aulas repetitivas, com pouco espaço para criatividade dos alunos do que o desenvolvimento de práticas pedagógicas que proporcionem as múltiplas potencialidades dos seus alunos.

Segundo Gardner (1999), um professor que tem a intenção de pautar suas atividades na teoria das Inteligências Múltiplas deve considerar a pluralidade de potencial que seus alunos trazem, trabalhando com propostas que sejam estimulantes e motivadoras, diversificadas com relação ao conteúdo e ao método, oferecendo múltiplas possibilidades, tanto no caminho para aprender como nas formas de demonstrar o que aprendeu. Referenciar-se em uma perspectiva singular permite que o aluno expresse suas habilidades na realização de tarefas, respeitando suas competências. Nesse cenário, é responsabilidade do professor organizar procedimentos que estimulem todas as inteligências.

Segundo Nista-Piccolo (2017), quando pensamos em uma ação pedagógica voltada para a singularidade de quem aprende, o ato de ensinar se transforma. Voltando seu foco para os domínios que o aluno demonstra e oferecendo novas oportunidades ao seu crescimento e desenvolvimento, a atuação docente passa a ser a chave para as estimulações cognitivas, motoras, afetivas e sociais.

[...] uma pluralidade de abordagens garante que o professor (ou o material didático) atinja mais crianças; além disso, sinaliza aos alunos qual é o significado de ter uma compreensão profunda e equilibrada de um tópico. Só os que conseguem pensar em um tópico de várias formas têm uma compreensão minuciosa desse tópico; aqueles cujo entendimento se limita a uma única visão têm uma compreensão frágil. (GARDNER; CHEN; MORAN, 2010, p. 21).

De acordo com Armstrong (2001), a teoria das Inteligências Múltiplas proporciona um leque de estratégias de ensino. Essas estratégias podem ser facilmente implantadas na escola, contudo não existe um mecanismo a ser reproduzido como receita mais eficiente, pois o caminho para ensinar deve ser de acordo com a situação de aprendizagem. Cada grupo de alunos é único, e pode ser bem sucedido em atividades específicas, que respeitem suas particularidades. É papel do professor identificar e desenvolver essas características de aprendizagem e diversificar as rotas usadas para ensinar determinados conteúdos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Raquel; BERNNAND, Edna; SOARES, Ismênia. Conectando inteligências múltiplas através de aplicações interativas na formação de gestores. *Gestão & Aprendizagem – MPMGOA*, João Pessoa, PB, v. 4, n. 2, p. 11-33, 2015.

ARMSTRONG, Thomas. *Inteligências Múltiplas na sala de aula*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee. *Ensino e aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLOM, Roberto et al. Human intelligence and brain networks. *Dialogues in Clinical Neuroscience*, Neuilly-sur-Seine, França, v. 12, n. 4, p. 489-501, dez. 2010.

GARDNER, Howard. *The development and education of the mind: the selected works of Howard Gardner*. New York: Taylor & Francis, 2006.

_____. *Inteligência: um conceito reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

_____. *O verdadeiro, o belo e o bom: os princípios básicos para a nova educação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

_____. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard; CHEN, Jie-Qi; MORAN, Seana e colaboradores. *Inteligências múltiplas ao redor do mundo*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GARDNER, Howard; KORNHABER, Mindy L.; WAKE, Warren K. *Inteligência: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GÁSPARI, Josset Campagna de; SCHWARTZ, Gisele Maria. Inteligências múltiplas e representações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 18, n. 3, p. 261-6, set./dez. 2002.

LOPES, Adriano Alves et al. A teoria das inteligências múltiplas e suas contribuições para a educação. *Caderno de Graduação: Ciências Humanas e Sociais – FITS*, Maceió, AL, v. 3, n. 2, p. 153-68, abr. 2016.

MACHADO, Nilson José. *Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MORENO, José Carlos de Almeida et al. Os esportes coletivos e individuais como meios de desenvolvimento das inteligências múltiplas: um estudo com escolares. *Revista Fafibe On Line*, Bebedouro, SP, v. 23, n. 3, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/11/19042010103353.pdf>> Acesso em: 1º dez. 2017.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni et al. Manifestações da inteligência corporal cinestésica em situação de jogo na educação física escolar. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, DF, v. 12, n. 4, p. 25-31, dez. 2004.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. Manifestações da inteligência humana na aprendizagem. In: ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; PIMENTA, Maria Alzira de Almeida (Org.). *Univer-Cidade em encontros: educação, cultura e arte*. Sorocaba, SP: Eduniso, 2017. p. 153-69.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. A Teoria das Inteligências Múltiplas. In: BALBINO, Hermes-SESC (Org.). *Inteligências múltiplas*. 1. ed. São Paulo: SESC, 2015. v. 1, p. 45-65.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. Educação Física, escola e as inteligências múltiplas. In: MOREIRA, Wagner Wey; VIRTUOSO JÚNIOR, Jair Sindra; BARBOSA NETO, Octavio; SIMÕES, Regina (Org.). *Educação Física, esporte, saúde e educação*. 1. ed. Uberaba, MG: Editora e Gráfica UFTM, 2010. v. 1, p. 51-80.

SILVA, Vera Lúcia Teixeira da; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. Dificuldade de aprendizagem na perspectiva das inteligências múltiplas: um estudo com um grupo de crianças brasileiras. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, Portugal, v. 23, n. 2, p. 191-211, 2010.

SOUZA, Maurício Teodoro de. Educação física escolar: a compreensão do comportamento corporal como manifestação da inteligência humana. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, Brasília, DF, v. 10, n. 2, p. 95-101, abr. 2002.

TOLEDO, Eliane de; VELARDI, Marília; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. Os desafios da Educação Física Escolar: seus conteúdos e métodos. In: MOREIRA, Evando Carlos; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Org.). *O quê e como ensinar Educação Física na escola*. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. p. 21-6.

Sobre os autores:

Vilma Leni Nista-Piccolo: Doutora em Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO). **E-mail:** vilma@nista.com.br

Yara Machado da Silva: Aluna do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO). Professora de Educação Física.
E-mail: yaramsilva@hotmail.com

Flora Loureiro de Mello: Professora de Educação Física.
E-mail: vilma.nistapiccolo@prof.uniso.br

Recebido em setembro de 2017

Aprovado em dezembro de 2017

